

TEMPOS DE ANGÚSTIA – ERASMO E LUTERO NO INÍCIO DA MODERNIDADE

Alexandre Frasato Bastos

Orientação: Ana Paula Vosne Martins

Os movimentos de Reforma Religiosa no início da Modernidade foram marcantes para a formação da sociedade européia influenciando não somente o âmbito religioso, mas também o político e o social. Esta pesquisa tem como objetivo principal relacionar o Humanismo Cristão e a Reforma Religiosa, partindo do debate historiográfico que reconhece serem ambos respostas às necessidades de seu tempo, marcado por uma forte angústia coletiva experimentada no período de transição do Medievo para a Modernidade, mas também pela atitude intelectual de conhecimento e ação no mundo. Para analisar esta relação entre ambos os movimentos, elencamos dois autores, ambos expoentes de seus respectivos movimentos: Erasmo de Rotterdam, eminente humanista cristão; e Martinho Lutero, iniciador do movimento reformista na Alemanha.

A partir das leituras iniciais sobre a época, sobre a Reforma e o Humanismo, estabelecemos alguns elementos norteadores para esta pesquisa, como a definição de natureza humana para nossos autores. Erasmo, como os demais humanistas, apresentava uma visão completamente otimista da natureza humana, crendo na capacidade dos homens de criar, de realizar e de buscar sua própria salvação. Lutero, por outro lado, não partilhava desta visão, pois para ele o homem já nasce corrompido pelo pecado original, sem possibilidade de livrar-se desta marca, estando sua salvação totalmente nas mãos de Deus, restando ao homem somente a necessidade de ter fé.

Lutero trilhou um caminho que o levou à excomunhão da Igreja Católica, pois muitos pontos do que defendia iam contra aspectos cruciais do catolicismo, como a sua teoria do sacerdócio universal, baseada na Primeira Epístola de São Pedro, que atestava

que todos os homens podiam ser sacerdotes, sem que um em especial precisasse necessariamente ser escolhido para esta posição, e também seu forte combate à venda de indulgências. Rompe então definitivamente com a Igreja, fundando uma nova religião. Diversas vezes buscou o apoio de Erasmo, mas este, apesar das duras críticas apresentadas em seu livro “Elogio da Loucura”, não acreditava na ruptura como saída para os males da Igreja. Defendia sim uma Reforma, mas no interior do catolicismo, aproximando os homens, vivendo como uma comunidade, defendendo um retorno aos princípios e às práticas do cristianismo primitivo. Erasmo, dessa forma, recusa-se a apoiar Lutero, por não concordar com as atitudes violentas do reformador, mas também por sua posição pessoal, afirmada por Huizinga na biografia que escreveu sobre Erasmo¹, de nunca tomar lado definitivo em nenhuma causa absoluta. Lutero pede então a Erasmo que este ao menos não escreva contra ele, para que ambos pudessem conduzir suas idéias de forma independente. O Humanista, contudo, sofre grande pressão por parte da Igreja para se posicionar em relação à Reforma. Decidiu-se por escrever contra Lutero, e para isto escolheu temas que, como afirmado anteriormente, ambos discordavam frontalmente, o Livre-Arbitrio e a natureza humana, que muito preocupavam num contexto onde o medo do Juízo Final se fazia presente. Dessa forma, ocorreu definitivamente a ruptura entre os dois autores, dando início ao debate que analisamos nesta pesquisa.

Temos, então, dois pensadores que partem de críticas semelhantes à Igreja e à Religião, mas que em dado momento se distanciam, entrando, em certo ponto, em conflito direto, tanto em questões práticas, como o desligamento da Igreja, quanto filosóficas, como a discussão sobre o livre-arbitrio. Buscamos nesta pesquisa, desta forma, esclarecimentos para este distanciamento entre os autores. Para isto, selecionamos como fontes duas obras, *De Libero Arbitrio*, escrita por Erasmo em 1524, e *De Servo Arbitrio*, escrita por Martinho Lutero em 1525, em resposta ao livro de Erasmo.

¹ HUIZINGA, Johan. *Erasmus*. Barcelona: Ediciones Del Zodíaco, 1946.

A obra de Erasmo é dividida em seis partes, onde constrói seus argumentos baseando-se quase que exclusivamente na Bíblia, posto que, como ele próprio afirma, Lutero não reconheceria a autoridade de nenhum outro texto. Ainda que nem sempre possamos encontrar referências diretas aos autores clássicos que influenciaram o autor, diversas passagens dos *Adagios*, escritos por Erasmo, estão presentes no texto. Erasmo usa estas citações casualmente no texto, na maioria das vezes somente ilustrando uma frase sua com algum provérbio latino. Erasmo geralmente não referencia o autor de quem retirou a frase e sua identificação demanda um estudo dos próprios *Adagios*. A obra de Lutero é escrita, como dito, diretamente em resposta a Erasmo. Enquanto este escreve sua obra sem um destinatário direto, o reformador dirige-se diretamente ao humanista, usando a segunda pessoa do singular na maior parte de seu texto, sem deixar dúvidas de quem era seu destinatário. Sua obra em si, dividida em oito partes, destina-se a refutar, trecho por trecho, o escrito de Erasmo. Portanto, em sua grande maioria, as fontes utilizadas por Lutero são as mesmas apresentadas por Erasmo, ainda que tenhamos procurado analisar outras influências com esta pesquisa.

A edição utilizada nesta análise é a tradução para o inglês, realizada por E. Gordon Rupp, A. N. Marlow, Philip S. Watson e B. Drewery, diretamente do latim (idioma original das obras). As duas obras são apresentadas em volume único, precedidas por uma Introdução acerca do debate, escrita por E. Gordon Rupp e Philip S. Watson, seguida de uma nota dos tradutores.

É importante ressaltar que esta pesquisa visou tratar dos principais pontos de congruência e discordância entre o movimento reformista de Lutero e o Humanismo. Destarte, pode-se inserir esta pesquisa no campo da História das Idéias, pois buscamos compreender os argumentos de nossos autores, através da análise de suas publicações, mas, além disto, abranger também o contexto no qual estas obras foram produzidas, buscando as bases que fomentaram o surgimento de tais idéias. Assim, nesta pesquisa, além da análise das duas fontes apresentadas acima, pretendemos ainda

uma análise das referências utilizadas pelos autores para constituir seus argumentos.